
Notas Bibliográficas

GISMONDI, Gualberto: *Scienze della religione e dialogo interreligioso*. Bologna: Dehoniane, 1993. 267 pp., 21,5 x 14 cm. ISBN 88-10-20804-8.

As últimas décadas têm visto aparecer enorme bibliografia sobre a temática religiosa e mais recentemente sobre o diálogo inter-religioso. Sem dúvida, é um dos temas teológicos mais relevantes do momento, embora ainda não tenha ganhado no Brasil a repercussão necessária. Esse livro apresenta uma rápida e muito ampla visão de todo o cenário das ciências religiosas em vista de situar aí o diálogo inter-religioso. Inicia-se com a questão da tensão entre o cientismo e a ciência da religião, mostrando tanto a radicalidade reducionista do cientismo como sua superação já mesmo no interior das ciências naturais. Percorre os diversos ramos das ciências da religião depois de ter indicado alguns aspectos gerais e epistemológicos. Em seguida, indica brevemente a evolução e o estado atual da fenomenologia da religião, da psicologia do comportamento religioso, da sociologia da religião, da nova antropologia da religião.

Nesse amplo quadro, situa o que ele chama de "dialógica teológica", a saber uma compreensão teológica do diálogo ou dialógica da teologia que permita o diálogo inter-religioso. Como pretende elaborar os fundamentos teológicos da teologia do diálogo inter-religioso desde uma perspectiva cristã-católica, faz rápido levantamento do tema do diálogo nos documentos oficiais da Igreja católica. Retrata também com brevidade um panorama da relação entre a teologia e as religiões para terminar com dois capítulos sobre o diálogo inter-religioso e a teologia das religiões e o problema da cruz nessa temática.

Esse é um assunto que evolui com muita rapidez. O livro é de 1993. Já saiu muita coisa importante depois dessa data. Por isso, necessariamente o livro reflete o momento em que foi escrito. Considerando esse aspecto, mostra-se o A. muito aberto e informado. Assume as posições mais favoráveis em relação ao diálogo inter-religioso.

Por sua vida, o A. tem ampla experiência missionária em vários continentes além da docência. Tendo assumido um campo vastíssimo, o livro deveu contentar-se com breves e sumárias exposições. Serve, por isso, como introdução a essa temática. Não aprofunda nenhuma questão, mas permite ao leitor situar-se nessa floresta de campos afins. O maior valor do livro está no caráter didático, informativo e menos no aprofundamento de uma questão. Quem já está já adentrado no assunto não encontra nenhuma novidade. Antes sente falta de elementos importantes, seja por ser um livro de 5 anos atrás, seja porque o A. quis unicamente fazer uma apresentação introdutória.

JBL

GONZÁLEZ VALLÉS, Carlos: *Querida Igreja*. Tradução do espanhol Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 1998. 157 pp. ISBN 85-349-1219-X.

Autor fecundo em obras. Refere-se, no correr do livro, a umas 70 na língua guzerate da Índia. Publicou também muitas obras em castelhano e várias foram traduzidas em português. Missionário durante longos anos na Índia. Circulou por países da América Latina. Tudo isso se reflete nesse pequeno livro de caráter filial, profético e autobiográfico.

Não deixa de ser sintomático que se volte a um gênero literário que, de certa maneira, é de sempre, mas que recebera um vigor especial nos anos ao redor do Concílio Vaticano II. Trata-se de uma tomada de consciência crítica de aspectos da Igreja, feita por alguém de dentro, com extremo cuidado e amor. Naqueles idos, fazia-se uma verdadeira catarse depois de longos e longos anos de uma disciplina rígida e muita repressão no interior da Igreja. Passada a tempestade, esse gênero de livros quase que desapareceu. Agora com o retorno de um clima de maior controle e disciplina, eis-nos de novo com livros desse jaez. Nesse caso, não é nenhum destempero de alguma alma aflita e em conflito com a Igreja hierárquica. É uma palavra sensata, dita bastas vezes com humor, de quem sofre essa conjuntura invernal da Igreja.

Escreve-a um jesuíta, fiel e obediente à Igreja, que, por isso mesmo, lamenta esse momento de conservadorismo, descrevendo-o com a finalidade de vê-lo, senão superado, ao menos, enfrentado. A tese central, que reaparece em muitos capítulos, é assinalar a importância da transparência de informação na Igreja, a necessidade de abertura ao real e aos fatos, sobretudo com a busca honesta de conhecer-se a realidade objetiva para só então tomarem-se medidas acertadas, fazerem-se declarações pertinentes.

A Igreja magisterial tem alimentado estruturas, reafirmado ensinamentos, conservado tradições sem a preocupação de certificar-se da mudança dos tempos, de sua credibilidade e oportunidade. Não se pretende submeter as

verdades dogmáticas, morais e medidas disciplinares ao sufrágio democrático, como se elas dependessem de tal. Mas simplesmente aceitar conhecer melhor a realidade para redimensionar talvez muitas decisões ou modificar, quem sabe, ensinamentos já caducados.

A história nos tem mostrado que ensinamentos não definitivos da Igreja contiveram erros não pequenos e ela os reformou. Por que não evitar para o futuro tais fatos procurando mais humildade, nível de informação, transparência nos atuais ensinamentos e medidas disciplinares?

Para que tal reflexão não pairasse num nível de abstração e generalidades, o A. foi percorrendo ao longo dos capítulos questões concretas como: pluralidade de compreensão da cristandade, moral sexual, celibato, papel da mulher, questões teológicas, etc.

O livro está permeado de pequenos fatos, alguns sérios outros cômicos, muito a propósito do que aborda. Aparece, por parte do A., um enorme cuidado e respeito pelas pessoas, pelas diversas opiniões, mas uma firme tomada de posição contra as imposições autoritárias, a falta de transparência e honestidade no tratar a realidade objetiva.

As críticas não têm rancor nem exagero. Nem apresentam nenhum diagnóstico original, mas baseiam-se na experiência e no sentido comum. Valem pela evidência dos fatos e pelo equilíbrio e delicadeza do A. Frequentemente faz protestos de fidelidade, de amor à Igreja. Manifesta, sim, sua dor pelos seus limites com o desejo de que sejam superados.

Um cristão médio, esclarecido e aberto, pode aproveitar da leitura no sentido do testemunho de alguém que, sem perder a consciência crítica nem a coragem profética de escrever, mantém-se fiel dentro da Igreja. Consegue criticar e amar.

JBL

TORRES QUEIRUGA, Andrés: *A revelação de Deus na realização humana*. Tradução do galego por Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1995. 439 pp. 21 x 13,5 cm. Coleção Teologia sistemática. ISBN 85-349-0292-5.

Saúdo com alegria a tradução desse livro por iniciativa da Editora Paulus. Quando de sua publicação em galego, fiz já uma revisão nessa mesma revista: PT 21 (1989) n. 54: 249-252. Portanto, para uma informação sobre o livro, o leitor pode recorrer a ela. Aqui desejo somente fazer constar a tradução para facilitar o acesso de professores e alunos a essa magistral obra sobre a Revelação. Com efeito a intuição fundamental do A. responde grandemente à perplexidade e às perguntas da atualidade.

Chamo de novo a atenção para as teses principais da maiêutica histórica, da hermenêutica do amor de Deus e da eleição divina como pedagogia divina e não como privilégio. A leitura de tal obra é altamente instrutiva e pode abrir horizontes para a compreensão da Revelação. Questão que está na base de muitos outros problemas teológicos.

JBL

PAULY, Stephan (Hrsg.): *Theologen unserer Zeit*. Stuttgart, Berlin, Köln: Kohlhammer, 1997. 154 pp., 21 X 13,5 cm. Coleção Theologie. ISBN 3-17-015046-4.

Livro bem sucinto que apresenta a vida e o pensamento de alguns dos grandes teólogos da atualidade. Quer responder ao preconceito de que a teologia passa à margem dos problemas das pessoas de hoje. Mostra como esses teólogos os pensaram em profundidade e pretenderam dar-lhes, a partir da revelação, alguma resposta.

Quem escreve são pessoas de peso. Sobre quem escrevem também são nomes de primeira plana na teologia. Os teólogos estudados são: K. Rahner, R. Guardini, H. von Balthasar, H. de Lubac, H. Fries, E. Biser, A. Vögtle, B. Häring, O. von Nell-Breuning, G. Gutiérrez, O. Casel.

Já a escolha dos nomes revela naturalmente a intenção de responder, antes de tudo, ao público alemão. Alguns nomes menos conhecidos fora desse espaço cultural são preferidos a outros de muito maior envergadura mundial. Basta citar a ausência de E. Schillebeeckx, de L. Boff, e outros, que, sem dúvida, pesam muito mais no concerto teológico mundial.

Além disso, a escolha se restringe ao mundo católico. Não aparece nenhum dos grandes nomes do mundo protestante como K. Barth, R. Bultmann ou W. Pannenberg.

Apesar do título falar de teólogos, O. von Nell-Breuning propriamente não foi teólogo, mas alguém que se declara jurista e economista com amplo conhecimento da Doutrina social da Igreja e problemática afim. O arco de anos é longo. Nomes mais antigos como O. Casel, R. Guardini estão ao lado de teólogos ainda vivos como G. Gutiérrez. Predominam nomes de quem já encerrou sua carreira teológica no lado de cá.

São trabalhos bem resumidos de umas 10 páginas. Cada um desses retratos foi objeto de um programa radiofônico da Rádio da Baviera. Há uma mínima biografia e uma fotografia de cada um deles.

Cada texto segue mais ou menos uma estrutura básica. Apresentam-se dados biográficos do A., com maior ou menor abundância de pormenores. Além disso, indicam-se alguns traços de sua personalidade. E finalmente

procura-se salientar quais foram os núcleos em torno dos quais gira o universo mental do autor estudado e a partir dos quais se pode entender-lhe a obra.

Talvez o estudo sobre E. Biser tenha sido o que menos ofereceu elementos para conhecer o autor e se tenha praticamente concentrado em suas idéias. O leitor sai insatisfeito com a leitura por conhecer menos a pessoa cujas idéias são expostas.

Os textos são desiguais. A linguagem é bem cultivada. Alguns refletem "orações laudatórias" feitas em momentos de jubileu desses autores e depois aproveitadas para as emissões radiofônicas. É excelente apresentação, sucinta e inteligente, do pensamento dos teólogos estudados. Cumpre, sem dúvida, o papel de fazê-los conhecidos e valorizados num mundo que cada vez desconhece mais a teologia.

JBL

KÜNG, Hans (Hrsg.): *Ja zum Weltethos. Perspektiven für die Suche nach Orientierung*. München-Zürich, Piper, 2. Auflage 1996. 319 pp., 19,5 x 12 cm. ISBN 3-492-03817-0.

O livro começa com o texto da Declaração do Parlamento das Religiões, produzido no Encontro realizado em Chicago, USA, entre os dias 28 de agosto e 4 de setembro de 1993. Algo imponente com a participação de 6.500 pessoas das mais diferentes religiões. Texto que já apareceu em tradução portuguesa [SEDOC 26 (1993) n. 241: 293-305].

O termo *Ética mundial* não pretende ser nenhuma ideologia mundial nem uma tentativa de uma religião uniforme e unitária, nem uma nova moral. Esse apelo por uma *Ética mundial* quer construir e levar à prática aquele mínimo ético necessário para a sobrevivência da humanidade. Não é contra ninguém. É convite a todos que desejem apropriar-se dessa ética e agir segundo ela. O caminho para sua prática é o da mudança de consciência em nível mundial por todos os meios disponíveis para tal.

Tendo essa perspectiva diante dos olhos, esse livro reúne vozes de todo o mundo para além das culturas, religiões e ideologias particulares na defesa dessa *Ética mundial*.

O livro é um conjunto enorme de breves testemunhos e reflexões organizados pelo teólogo H. Küng. Um primeiro grupo reúne pessoas de projeção política e cultural, tais como: o Presidente da Alemanha R. Weizsäcker, os presidentes de Estado da Irlanda e da Finlândia, o ex-Chanceler da Alemanha H. Schmidt, o Presidente da Cruz Vermelha, os Prêmios Nobel Rigoberta e F. Weizsäcker, o embaixador do Chile junto a ONU, o músico Y. Menuhin. Depois se seguem representantes do mundo judaico, como o prefeito de Jeru-

salém (1965-93) T. Koilek, os escritores e biblistas J. Magonet, A. Chouraqui, E. Wiesel e outros. Do mundo cristão temos pessoas muito conhecidas por nós como os cardeais. Paulo Arns, König, e Bernardin, o bispo anglicano Desmond Tutu, etc. O Islame e o Oriente são representados também por pessoas de projeção mundial. Dentre eles vários são Prêmios Nobel.

O valor desse livro está no peso das autoridades, que vêm corroborar a idéia central de criar uma *Ética mundial*. Com maior ou menor *pathos* chamam a atenção para a gravidade da ameaça da vida e sobrevivência da humanidade por obra do tipo de desenvolvimento em curso no mundo, por influência sobretudo da mentalidade moderna ocidental com o predomínio da razão instrumental, com a força incontrolável da tecnociência.

É um texto evidentemente muito desigual. Vale pela pluralidade dos tons numa unidade harmônica de objetivo principal. Os temas tratados são muito diversos: pressupostos éticos para uma democracia, o papel da religião, a necessidade da harmonia entre ciência, política e moral, uma política mundial, o desequilíbrio de poder, valores culturais e éticos, respeito pela dignidade humana, elementos irrenunciáveis da paz, as ciências naturais e a ética, o pluralismo religioso, problemas específicos das diferentes religiões, suas contribuições próprias, etc.

É um texto riquíssimo em reflexões, feitas sob aspectos mais diversos. Serve como uma mina onde se podem haurir idéias e pensamentos para animar posteriores considerações. São textos extremamente breves sem nenhuma pretensão de esgotar algum tema. São pensamentos sugestivos, provocativos, intuitivos.

JBL

RUSSO, Giovanni: *Educar para a Bioética. Pela escola, pela catequese, pela pastoral da juventude*. Petrópolis: Vozes, 1997. 244 pp., 20,5 X 13,5 cm. ISBN 85-326-1697-6.

Bioética, segundo a definição do próprio autor, é a "ciência sistemática do ser humano ético que indaga os âmbitos transformadores do mundo biológico". Ou seja, é indagar, de forma científica, as transformações ecológicas, biológicas e científicas pelas quais o mundo passa e para as quais devemos nos adaptar.

A finalidade deste livro é levar a bioética para a escola, para a pastoral catequética e para a formação dos jovens em geral, ajudando assim na compreensão do ser humano e suas características pessoais.

O autor, sob a lente da bioética, analisa a sexualidade e a procriação, as tecnologias de reprodução e genética, a educação sexual e os problemas da juventude, visando uma melhor integração do ser humano com

o universo e com as descobertas médico-científicas e melhor qualidade de vida para todos.

A bioética é uma indagação científica da função educativa da Igreja em relação à situação e ao futuro da qualidade de vida do ser humano no cosmo. Sua proposta é formar o indivíduo, sobretudo o jovem, para a promoção da qualidade de vida, segundo o ensinamento da Igreja. Afinal o futuro da vida no planeta, além de passar pelo ser humano que preserva o ecossistema, passa, antes de tudo, pelo ser humano educado, virtuoso e cristão. Um ser humano que não reza pela cartilha do poder e do ter, e que vive a sexualidade de forma virtuosa, isto é, de íntima comunhão com Deus no amor, na fé, na esperança e na caridade.

Uma lacuna dessa obra é que sendo posterior à Encíclica *Evangelium Vitae*, que traz elementos muito interessantes na linha de uma pedagogia bioética não menciona. Outra lacuna é que, sendo uma tradução do italiano, não considera os problemas da vida do nosso contexto brasileiro e latino-americano. Se a proposta da obra é ajudar a educar os jovens para a qualidade de vida, então não se pode desconsiderar as questões da fome, do desemprego, da saúde pública, da violência, porque é em referência a eles que a vida é ameaçada. Educar para o respeito à vida significa educar os jovens para a solidariedade. Falta essa perspectiva na obra de Russo.

JRJ

DE BONI, I. A. — JACOB, G.- SALZANO, F. (Orgs.): *Ética e Genética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 304 pp. 21 X 14 cm. Coleção Filosofia, 78. ISBN 85-7430-006-3.

A obra recolhe as contribuições apresentadas num seminário organizado em Porto Alegre pelo Instituto Cultural Brasileiro Alemão, o Instituto Goethe e a Associação de Ex-bolsista da Alemanha sobre "Ética e Genética". O seminário contou com a colaboração de pesquisadores alemães (Ulrich Beck, Ludger Honnefelder, Jörg Schnidtke, Ernst-Ludwig Winnacker, Elizabeth Beck-Gersheim) e brasileiros (Joaquim Clotet, Oswaldo Frota-Pessoa, Francisco M. Salzano, Lavínia Schüller). As contribuições dos colegas da Alemanha aparecem em língua alemã e traduzidas por um profissional não especialista e revisadas pelos editores. As discussões não fazem parte da obra.

É desnecessário frisar a importância da temática. A genética ocupa hoje o lugar da física como protagonista do cenário científico. As investigações genéticas levantam questões éticas: falta de experiência sobre o significado e as conseqüências das transformações introduzidas pela genética, o respeito à dignidade humana do indivíduo e da espécie humana nas pesquisas genéticas, a propriedade do genoma, a medicina predictiva, o diagnóstico e a terapia genética.

Desde sempre o ser humano perguntou-se pelas normas de sua ação, pela finalidade e pelas conseqüências de seu agir. E desde sempre as perguntas foram retomadas e as respostas questionadas. Em nosso tempo a pergunta ganhou cores novas, não porque o ser humano se tenha tornado diferente, mas porque a ciência adentrou-se por trilhas que outrora talvez nem fossem imaginadas. É o caso da genética.

Como diz o Dr. Hartmut Becher, na apresentação desta obra, pelo menos desde Hiroshima sabemos que há limites éticos para a ciência. Nem tudo o que é possível pode ser feito, sob pena de, em caso extremo, pisotearmos os mais elementares direitos humanos e mesmo aniquilarmos a vida na face da terra.

Quais são, porém, os limites que a ética nos impõe nessa nova situação de uma medicina genômica? A resposta a essa pergunta forma o núcleo dos trabalhos apresentados. Aceitando como inquestionável que a ciência tem trazido benefícios incalculáveis para as pessoas e a sociedade, os autores, contudo, assim como não estão tomados pelo pessimismo face ao futuro, do mesmo modo não se deixam levar pelo otimismo ingênuo de que o ser humano sempre resolverá os problemas com os quais se deparará. A afirmação genérica de que a ciência possui limites éticos, torna-se um desafio, cuja resposta jamais será definitiva, quando se tenta dizer quais são tais limites nos casos concretos.

A obra publicada é de grande importância devido ao tema discutido e vem preencher uma lacuna na bibliografia brasileira. Entre nós essa discussão ainda está nos seus inícios. Por isso, as contribuições são díspares. Os trabalhos dos pesquisadores alemães ocupam o lugar central na obra, caracterizando-se pela seriedade da argumentação, pelo conhecimento aprofundado da temática e pelo equacionamento pertinente das questões éticas.

JRJ